PAINEL: RUMOS DA PESQUISA NA DÉCADA DE 90[1]

Richard Domingues Dulley[2]

1 - INTRODUÇÃO

Do painel sobre Rumos da Pesquisa na Década de 90 participaram os professores: Paulo Fernando Cidade de Araújo (FEALQ), Fernando Homem de Melo (FEA/USP), Elísio Contini (EMBRAPA), Gervásio de Castro Resende (IPEA). Procurou-se sintetizar os temas e prioridades aí propostas, constituindo, portanto, apenas a visão de um relator do evento, calcada nos textos e exposições orais.

1.1 - Sistema de Informações sobre Agricultura

A primeira área básica a ser fortalecida pelas instituições responsáveis por economia agrícola diz respeito à manutenção e ampliação de um sistema de informações sobre a agropecuária. Informações confiáveis, de fácil acesso e ágeis são essenciais para racionalizar as decisões dos agentes produtivos e do Governo. As recentes inovações na área computacional vêm facilitando tanto a coleta, processamento e disseminação como o tratamento analítico dessas informações. Mas muita coisa ainda pode ser facilitada para o usuário final.

Os sistemas de coleta de informações devem ser preservados, preferencialmente com a mesma metodologia para auxiliarem comparações no tempo. As interrupções na coleta e mudanças na metodologia dificultam a compreensão histórica do setor, não permitindo ilações confiáveis para o futuro.

1.2 - Administração da Propriedade Agrícola

Face à baixa rentabilidade da agricultura, de uma maneira geral, e ao longo período de maturação que exigem seus investimentos, particularmente em alguns subsetores (pecuária de corte e culturas perenes) e devido ao crônico processo inflacionário no Brasil, uma administração eficiente da propriedade agrícola tem se tornado condição essencial para a sobrevivência e progresso na atividade.

A moderna administração dos negócios, tanto em nível de propriedade como de organizações cooperativas e de agroindústrias, exige informações confiáveis, atualizadas e ágeis que permitam decisões racionais, a curto e longo prazos. Nem o pequeno produtor pode desconhecer, por exemplo, preços diários de insumos e de produtos, caso queira progredir. E quem não quer! O acompanhamento é mais necessário em períodos de inflação elevada, quando os preços relativos variam muito em curtos espaços de tempo.

O sistema de rádio e televisão, os encartes em jornais e revistas especializadas em agricultura vêm contribuindo com eficiência na disseminação de informações de mercado. Devido a grande demanda, este tipo de programa tem evoluído muito nos últimos anos. Neste caso, a contribuição dos técnicos, particularmente na elaboração da metodologia e crítica periódica, é muito importante.

Os princípios gerais da administração, com algumas especificações para o setor agrícola, são instrumentos úteis para melhorar a eficiência nas fazendas e na administração do setor. O instrumental analítico, inclusive com as modernas ferramentas da informática, constituem-se em responsabilidade dos técnicos do setor. Este tipo de trabalho tem evoluído bastante, principalmente na área de computação. Alguns agricultores mais avançados dispõem de computadores em suas fazendas e os operam com eficiência. Por outro lado, muitos técnicos não dominam suficientemente esse instrumental.

Na área de publicações são necessários manuais mais simples e baratos, pelo menos até que as telas do computador cheguem ao interior inclusive aos pequenos produtores. A recente experiência da EMBRAPA na divulgação de cartilhas para o plantio da safra de verão 1992/93 constitui-se em serviço que pode ser prestado aos produtores rurais para aumentarem sua produtividade. Este tipo de trabalho deve ser

---

[1]Este texto foi elaborado pelo Pesquisador Científico Richard Domingues Dulley, buscando resumir as recomendações contidas nos textos e exposições orais do Painel: Rumos da Pesquisa na Década de 90. Ainda que expresse uma consolidação das idéias e sugestões dos autores, a responsabilidade pelo mesmo é do relator.

[2]Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

Agricultura em São Paulo, SP, 39(2):107-112, 1992.

mais ágil e simplificado. Por certo, existem ou-tras experiências valiosas que merecem ser avaliadas!

1.3 - Propostas e Análises de Políticas Agrícolas

Um dos campos mais promissores de pesquisas para a década de 90 é o da política agrícola. Face a profundas mudanças, ocorridas no mundo, como a derrocada da doutrina econômica socialista com o fracasso da URSS e dos países do Leste Europeu, ao esgotamento da doutrina cepalina do modelo de desenvolvimento via substituição de importações, o papel do Estado no desenvolvimento, particularmente, na política agrícola deve ser repensado.

A concepção fundamental da atual política agrícola gira ao redor da liberdade de mercado, com menos interferência do Governo tanto na produção como na comercialização. A agricultura ainda depende de apoios governamentais, principalmente para crédito de custeio.

Como diminuir esta dependência? Existe uma tese de que os recursos governamentais deveriam, prioritariamente, direcionar-se para investimentos; temporariamente, para custeio de produtos essenciais e apoio aos pequenos produtores. Embora atenda à necessidade de garantir a segurança alimentar, confronta-se com os objetivos de aumento da eficiência produtiva. Pode ser uma estratégia temporal, enquanto durar a presente crise que o País enfrenta.

Outro tema de suma importância, reforçado pela diretriz de abertura da economia particularmente em relação ao MERCOSUL, diz respeito a propostas de políticas agrícolas relacionadas às exportações. Temos a obrigação de entender bem desta área e preparar equipes para negociações com nossos parceiros comerciais. Não adianta nossos agricultores aumentarem sua eficiência, se por ocasião de negociar com outros países permitirmos que cobrem taxas extras, onerando ao final o próprio produtor brasileiro.

Apesar dos esforços do GATT para a liberalização dos mercados agrícolas, os níveis de subsídios dos europeus e norte-americanos, continuam altos, competindo deslealmente com nossos produtos. Precisamos preparar um novo tipo de profissional para esta área de negociação comercial, o mercado internacional.

Propõe-se ainda que o profissional da economia agrícola esteja presente para a formulação das políticas agrícolas do País.

É importante para o País que profissionais de economia agrícola se voltem mais para proposições de políticas agrícolas consistentes e voltadas para temas da atualidade. Há um grande espaço livre para quem quiser se especializar neste ramo. Com estudo e boa vontade qualquer profissional em poucos anos torna-se especialista, tais são as lacunas nesta área.

Na área de análise de resultados sobre políticas passadas, existem mais estudos consistentes. Temas como: crédito subsidiado, discriminação da política econômica contra a agricultura, a pobreza rural e a reforma agrária têm sido amplamente debatidos no País.

1.4 - Estrutura e Reforma Agrária

Propostas de estudos sobre estrutura e reforma agrária não são temas novos. Desde a década de 60 têm merecido volumosos estudos, mas os efeitos práticos foram muito modestos e os custos elevados. A partir de 1987 diminuiu muito o interesse por este tema. Como prova basta verificar a literatura sobre o assunto.

Não parece haver dúvidas de que o Governo continua responsável pela regularização fundiária. Pode ter uma política que inclua objetivos de estrutura agrária. Historicamente tem-se defendido como ideal a transformação das propriedades em empresas rurais. Seria desejável a eliminação tanto dos latifúndios como dos minifúndios.

Pensamos que a eliminação de tensões sociais deve ser atribuição dos Governos Estaduais. As organizações privadas, como as cooperativas, podem desempenhar papel importante no assentamento de pequenos produtores, filiados a elas ou não. Estes assuntos merecem atenção dos profissionais de economia agrícola. Pelo menos, para ajudar a não cometer erros já documentados no passado.

1.5 - Inter-relacionamento da Agricultura com a Macroeconomia

O inter-relacionamento da agricultura com a economia global e com a política macroeconômica vem merecendo maior destaque, principalmente nos últimos anos. Mas ainda há vastos campos a serem pesquisados nesta área, particularmente ligados ao

problema da inflação, do câmbio, da liberalização da economia e do papel do Estado. Este assunto deverá merecer maior atenção no futuro à medida em que os problemas macroeconômicos se acentuarem. Se vivêssemos numa economia estável, talvez tivessem menor importância.

1.6 - Pesquisas Sobre o Complexo Agroindustrial

Um promissor novo enfoque de pesquisas orienta-se para o chamado Complexo Agroindustrial. Este permite verificar não fases estanques do processo produtivo, mas elos interligados de uma cadeia determinada e os graus de eficiência ou ineficiência ao longo do processo produtivo que começa com os insumos utilizados, o processo produtivo em si, a armazenagem, o processamento, a comercialização e a distribuiçao de produtos de origem agropecuária.

1.7 - Situar a Pesquisa em Economia Agrícola num Cenário Agregativo do Conjunto da Economia

Quando se fala em termos de rumos da pesquisa em economia agrícola temos que procurar ter em vista um cenário mais agregativo do conjunto da economia e a partir disso procurar encaixar a pesquisa em economia agrícola nesse cenário. E isto não se refere apenas a questões de macroeconomia, tipo coisas de curto prazo, coisas que nos têm interessado, nos têm atraído, têm forçado nossos interesses nos últimos anos em função da instabilidade, mas temos que ir além disso. Verificamos que ao olhar para essa década (perdida), foi uma surpresa em termos de melhoria tecnológica na agricultura. É algo em que muitos estão interessados, querendo entender melhor como isso ocorreu, mas é uma coisa ainda quase em estado bruto, é uma realidade que ainda não entendemos perfeitamente, mas de qualquer maneira tem essa faceta, essa aparência, essa superfície do setor que se revelou dinâmico nesse período de crise econômica brasileira, mais do que no período anterior, e isto é uma coisa estranha, uma coisa que se tornou curiosa. Por outro lado, em nível da economia brasileira como um todo, estamos numa era de dificuldade do crescimento econômico, o que aliás não é um fenômeno restrito do Brasil, mas é tema mundial. Na Economia Agrícola o que interessava eram as questões setoriais. Não obstante toda tributação como a que ocorreu no pós-guerra, a economia como um todo estava crescendo e a agricultura também. De repente já estamos há 12 anos com renda *per capita* estagnada, não temos horizonte, ficamos patinando no gelo. Se olharmos, em nível de escala mundial, a África está um terror, na América Latina, o México está há 4, 5 anos tentando preservar, manter a estabilização para tentar retomar o crescimento econômico. O fato é que o crescimento econômico é algo que tem que ser conquistado na nossa era, quer dizer não há nada que lembre o que ocorreu no período de 67, 68, quando a economia mundial entra naquela fase de dinamismo e de repente a economia brasileira começa a crescer sem ninguém ver. Era questão de milagre. Acertar o curto prazo é o primeiro passo para o longo prazo. Quem não vê isso está evidentemente equivocado, ou seja, achar que vai haver um longo prazo sem acertar esse curto prazo. Não é o momento de entrar nessa questão de como a própria agricultura pode colaborar para estabilização monetária. Esse é um tema sobre o qual nós todos estamos interessados. Mas é preciso pensar - mais nesse longo prazo: a agricultura é a cara do Brasil. Vendo o Brasil em escala mundial, com as suas características peculiaridades, verifica-se quando vamos para o exterior em conferências, como as pessoas nos vêem e aí começamos a pensar sobre nós mesmos.

É muito mais fácil aqui a capacitação tecnológica para a agricultura do que fazer informática; a tecnologia agrícola tem que ser própria, não tem como importar, ao contrário da informática. Quer dizer, agricultura e indústria são, no fundo, o tema que está se colocando nessa nova era de forma diferente. Temos que ir além, conhecer a indústria, entender como a indústria tem que ser outra, com eficiência, liberalização comercial, acabar com essa história da indústria de fertilizante, acabar com essa história do período Geisel, essa indústria montada. Como tem que crescer o Brasil, qual é o modelo, que estratégia tem que ser?

O *feeling* indica que a agricultura vai se encaixar, reforçar, o Brasil vai virar um pouco a Austrália. Por fim, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, estava certo em falar bem da Austrália. Quer dizer, a idéia de que a agricultura tem a cara do Brasil. No fundo é retomar um pouco aquela história das vantagens comparativas, uma coisa mais reformulada, com mais base empírica mesmo e naturalmente desenhando toda uma estratégia de política.

Há indicações de que mudando o modelo de mercado, a agricultura também será a estrela.

Deveríamos portanto nos antecipar na pesquisa de economia agrícola. É um grande tema que está aí. É claro que isso vai envolver uma série de coisas para se fazer um programa de pesquisa.

1.8 - Pesquisas sobre Novas Potenciais do Brasil numa Economia mais Aberta e dentro de um Novo Padrão Industrial

No caso do Brasil a relação agricultura-indústria sempre foi vista muito pelo lado da indústria sugando a agricultura, esse excedente saindo da agricultura.

Pode-se considerar a grosso modo que os problemas de crescimento econômico são problemas a respeito dos quais não temos o mínimo horizonte de como serão resolvidos. Estamos muito paralisados, muito limitados quanto à questão do curto prazo, da estabilização monetária e não paramos para pensar sobre o que virá depois, sobre qual será o novo padrão de desenvolvimento econômico.

Vamos analisar um pouco esse período que vem ocorrendo, de crise, e observar como se revelam novos potenciais no que se refere ao setor agrícola, novos potenciais do Brasil e que coincidem, que compõem com um novo contexto, que sabemos também será o novo padrão industrial, com uma economia mais aberta, menos proteção, menos financiamento do Estado, menos subsídio estatal, etc.

Pensando grande, assim, o nosso interesse robustece ao voltarmos a olhar o que tem se passado nos últimos anos, na última década e extrairmos mais informações dessas experiências.

1.9 - Pesquisa sobre Motivos de Evolução dos Preços da Terra frente à Evolução do Padrão Tecnológico

A agricultura paulista é uma agricultura razoavelmente diversificada: cana, laranja, soja, milho, café, algodão. Talvez esses sejam os principais produtos no Estado de São Paulo.

Comparada com o Rio Grande do Sul, por exemplo, agricultura paulista é mais diversificada do que a gaúcha e também mais do que a paranaense, e isso é bom, para o Estado de São Paulo, porque minimiza flutuações de renda e dá uma conotação maior de vantagens comparativas.

Esse impacto maior do preço da terra exige que as instituições de pesquisas públicas e privadas no Estado de São Paulo fiquem mais atentas a essa particularidade da evolução do preço da terra porque a manutenção desse padrão de vantagens comparativas, em termos dinâmicos, vai depender do padrão de inovações tecnológicas. O sistema tem que internalizar a pesquisa pública e privada, essa conotação que você deu da elevação do preço da terra.

Só para fazer um paralelo, isso ocorre também com o Estado da Flórida, com a produção de laranja. Enfim, não é novidade básica no Estado de São Paulo.

São Paulo teria que sair à frente de Goiás, Mato Grosso, outros Estados, nas inovações tecnológicas poupadoras de terra. Aí reside a grande diferenciação, com EMBRAPA, que pensa em nível nacional, e São Paulo, cujas instituições públicas de pesquisa têm que pensar em nível estadual, características estaduais. A dificuldade está em internalizar essa movimentação prevista - o que aliás já está ocorrendo - internalizar isso na questão do preço da terra, nos trabalhos de pesquisa que levam a inovações tecnológicas que exatamente poupem esse fator escasso, que é a terra no Estado de São Paulo.

Se isso ocorrer, o Estado de São Paulo vai conseguir sobrepor a eventual perda de competitividade por maiores inovações tecnológicas e continuar competindo.

Não chamaria isso de natural em economia. Em economia agrícola não é um desenvolvimento natural porque não segue estritamente o mercado e precisa da participação do setor público, mas com vantagens de localização, força de trabalho mais desenvolvida, capital humano mais desenvolvido e tudo o mais. O fator crucial que me parece aí nesse raciocínio é incentivar os investimentos públicos e privados em inovações tecnológicas poupadoras da terra, que aumentem a produtividade da terra.

1.10 - Criar um Ambiente mais Competitivo nos Institutos de Pesquisa do Estado

Estabelecer um sistema de competição entre pesquisadores de modo a torná-los mais produtivos. E para isso poderiam ser utilizados alguns instrumentos para se criar competição entre as pessoas em uma

instituição e as instituições entre si.

Há muitos indicadores, mas importante seria a participação em congressos. Não se admite que um pesquisador em início de carreira não participe de pelo menos um congresso por ano no País e a cada três anos, pelo menos, de um congresso internacional. Além disso, temos o sistema de promoções, que deveria ser levado em conta mas que nem sempre é assim.

A universidade, por exemplo, é um ambiente seguramente muito mais competitivo do que vários outros institutos de pesquisa isolados, pelo menos aqueles que operam no âmbito do Estado de São Paulo.

Como criar um ambiente mais competitivo em instituições que tendem a ser mais fechadas, que tendem a se proteger? Como operacionalizar isso? É difícil. A Universidade tem uma situação particular nesse aspecto, que lhe favorece.

Um outro ponto seria o de como estabelecer mecanismos de cooperação mais efetivos. Não somente em instituições de pesquisas não vinculadas à Universidade, mas especialmente com aquelas vinculadas às universidades e aos institutos. Essas ligações têm sido extremamente frágeis, tensas, ao longo do tempo. Tem havido algum tipo de cooperação. Essa ligação tem até certo ponto, se esgotado na conclusão dos cursos, na etapa do treinamento.

Muito pouco tem acontecido em termos de ligações mais permanentes, que envolvam uma programação de pesquisa de interesse comum, ou em outro sentido, alguma divisão de trabalho que possa ser melhor ajustada, enfim, perseguida independentemente por diferentes tipos de instituições. Desenvolvida independentemente, mas discutida com maior participação dos dois ambientes.

Criar mecanismos efetivos de cooperação, de maior integração, parece ser um desafio extremamente grande. Algumas tentativas têm sido feitas, mas com resultados decepcionantes. Isso vale para vários institutos de pesquisa e várias universidades. Existem alguns casos de sucesso mas está muito longe de se conseguir o nível de interação que seria desejado.

É fundamental para a Universidade e talvez seja até muito mais para as instituições de pesquisas independentes da Universidade.

1.11 - Abrir os Institutos de Pesquisa através de Conselhos que os integre com outras áreas do Conhecimento e Iniciativa Privada

Um caminho pode ser a Universidade se abrir de alguma maneira, os institutos se abrirem, o Instituto de Economia Agrícola se abrir. Conselhos que envolvam pessoas de diferentes formações. Trata-se de Economia mas pode ser Sociologia, Administração de Empresas.

Na área agroindustrial, há o programa da USP, o Programa de Estudos dos Negócios do Setor Agroindustrial (PENSA). Não está sendo conduzido numa área de economia, não. Está sendo conduzido na área de administração de empresas.

Então, essa integração não é só economia e economia agrícola, mas nas profissões também de administração: administração de empresas, economia, economia agrícola, e assim por diante.

Os conselhos de administração podem ter um papel importante no fortalecimento dessa integração entre as diferentes áreas de atividade.

1.12 - Melhorar o Modelo de Gerência em Pesquisa

Como conciliar gerência com liderança na pesquisa, no nosso caso, em economia agrícola? Os melhores na pesquisa devem ser os gerentes das instituições de pesquisa ou não? Esta é uma velha questão e que nos países desenvolvidos parece estar resolvida. No Brasil não!

Não deve pairar dúvidas de que a gerência dos aspectos técnicos da pesquisa deve ser assumida pelos líderes em pesquisa. Portanto, o grande chefe, o diretor, deve ser um pesquisador de alto nível e em nenhum momento a atividade de gerência deve prejudicar sua atividade científica. As atividades administrativas do dia-a-dia, como controles de recursos financeiros e materiais, devem ser executadas por um gerente administrativo, especificamente contratado para tal finalidade.

O pesquisador de alto nível, o líder, não pode perder tempo com "questiúnculas", deixar se envolver com a decisão de conceder ou não uma diária para um agente administrativo.

O modelo brasileiro de gerência em pesquisa, em grande parte dos institutos de pesquisa, está equivocado. Ao designar alguém diretor de uma instituição, mata-se um pesquisador e consegue-se um gerente ruim. Reforçado pela crise avassaladora

sobre a pesquisa, o diretor passa a controlar cada centavo, com chaves até para telefone.

Outro erro é defender o ponto de vista de que pesquisador faz pesquisa e que a gerência deve ser deixada para administrativos. Só pode gerenciar pesquisa quem sabe profundamente o que é pesquisa, quem faz pesquisa. Pior erro ainda é colocar um político ou seus apadrinhados para dirigir instituições de pesquisa. E a tentação pode ser até grande, principalmente no afã de conseguir minguados recursos financeiros para custear a pesquisa ou vantagens salariais.

Para aumentar a produtividade e melhorar a qualidade da pesquisa é fundamental criar mecanismos de competitividade entre as instituições e entre as pessoas. Como fazer isso? Em primeiro lugar, nenhuma instituição pode ter o monopólio sobre qualquer ramo da pesquisa. Em segundo lugar, devem ser realizadas avaliações independentes, sistemáticas e com critérios pré-estabelecidos e aceitos sobre a qualidade dos cursos e das pesquisas realizadas. Os principais órgãos financiadores podem encomendar tais avaliações. Quem se encontra em primeiro lugar procurará progredir para não ser ultrapassado pelos outros. Quem está em lugares inferiores procurará perseguir estratégias para melhorar seu nível. A CAPES já realiza avaliações dessa natureza para cursos de pós-graduação.